



As Mulheres nos Mercados de Trabalho Metropolitanos



DIIESE
DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

SEADE
Fundação Sistema Estadual
de Análise de Dados



Ministério do
Trabalho e Emprego

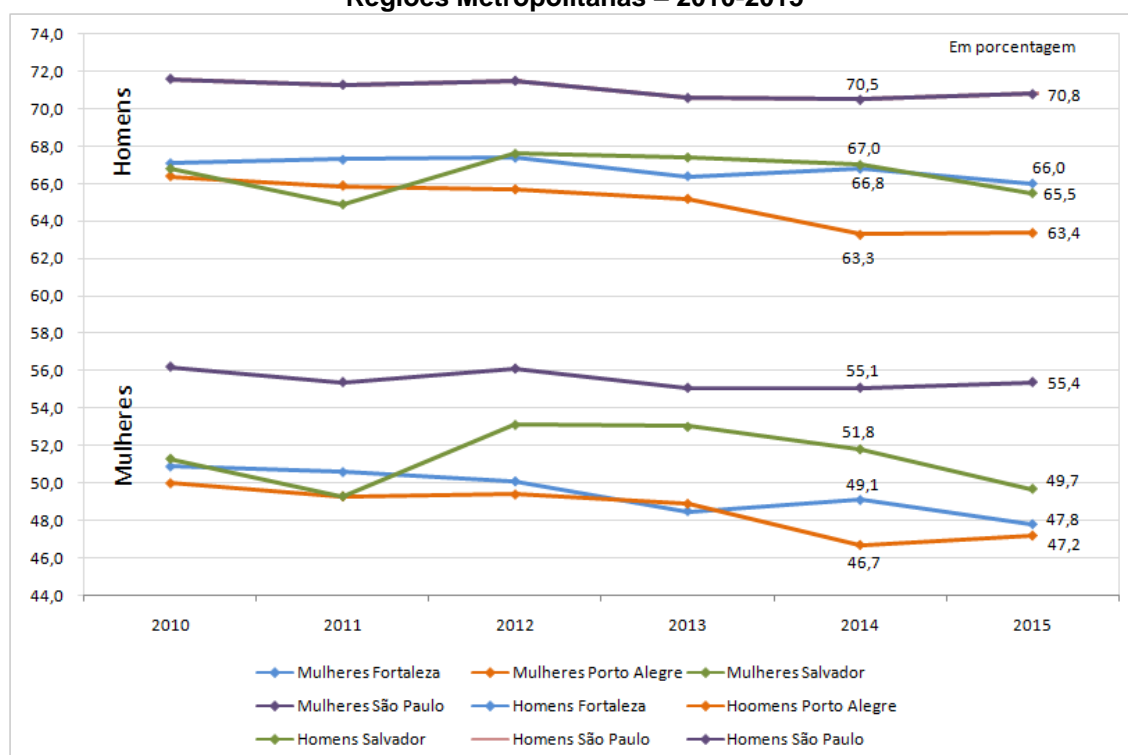
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

As Mulheres nos Mercados de Trabalho Metropolitanos

Taxa de participação feminina tem comportamento diverso nas regiões

Entre 2014 e 2015, a proporção de mulheres com dez anos ou mais inseridas no mercado de trabalho, na situação de ocupadas ou desempregadas – taxa de participação feminina –, decresceu em Fortaleza e Salvador, registrou crescimento em Porto Alegre e pequena oscilação positiva em São Paulo.

GRÁFICO 1
Taxas de Participação
Regiões Metropolitanas – 2010-2015



Fonte: Convênio DIEESE – SEADE, MTE/FAT e Convênios Regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

Taxa de desemprego aumenta em menor intensidade para as mulheres em todas as regiões

A taxa de desemprego total aumentou para homens e mulheres em todas as regiões pesquisadas pelo Sistema PED¹, todavia, os acréscimos nas taxas de desemprego das mulheres ocorreram em intensidade bastante inferior que os dos homens. Para ambos os sexos, a maior elevação relativa ocorreu em Porto Alegre, seguida de São Paulo; e a menor, em Salvador. Em todas as regiões, onde é possível a comparação com o ano de 2014, as elevações nas taxas de desemprego refletiram a queda no nível ocupacional. Diferente do que ocorreu na última década, em que a redução da taxa de desemprego esteve associada ao crescimento da atividade econômica e, por conseguinte, ao aumento da ocupação.

Muito embora tenha ocorrido uma relativa aproximação das taxas de desemprego entre mulheres e homens nos últimos anos e, considerando os efeitos menos perversos da desaceleração econômica entre as mulheres se comparado à dos homens em 2015, ainda persistem as diferenças entre as taxas de desemprego feminina e masculina. As mulheres continuam a apresentar taxas mais elevadas, ainda que elas exerçam uma menor pressão sobre o mercado de trabalho. Contudo, essa diferença reduziu em todas as regiões no período 2014-2015. No ano em análise, as maiores distâncias entre as taxas de desemprego de homens e mulheres foram observadas no Distrito Federal e nas duas regiões do Nordeste, e a menor diferença ocorreu em Porto Alegre.

¹ As informações para o ano de 2015 são relativas às regiões metropolitanas de Fortaleza, Porto Alegre, Salvador e São Paulo e para o Distrito Federal. Para esta última região, no entanto, não há informação para o ano de 2014.

TABELA 1
Taxas de desemprego por sexo
Regiões Metropolitanas – 2009-2014-2015

Regiões Metropolitanas	MULHERES									Taxa de Desemprego Total Variação Relativa 2015/2014 (%)
	2009			2014			2015			
	Total	Aberto	Oculto	Total	Aberto	Oculto	Total	Aberto	Oculto	
Distrito Federal	18,8	13,3	5,5	-	-	-	16,1	13,4	2,8	
Fortaleza	12,9	8,0	5,0	8,7	6,8	1,8	9,5	7,7	1,8	9,2
Porto Alegre	13,5	10,9	2,6	6,6	5,9	(1)	9,1	8,3	0,8	37,9
Salvador	23,2	15,2	8,0	20,2	15,9	4,3	20,5	16,5	4,0	1,5
São Paulo	16,2	12,4	3,8	12,2	10,4	1,8	14,3	12,4	1,9	17,2

Regiões Metropolitanas	HOMENS									Taxa de Desemprego Total Variação Relativa 2015/2014 (%)
	2009			2014			2015			
	Total	Aberto	Oculto	Total	Aberto	Oculto	Total	Aberto	Oculto	
Distrito Federal	13,0	7,9	5,1	-	-	-	12,7	9,3	3,4	
Fortaleza	10,0	6,0	4,0	6,7	5,2	1,5	7,8	6,4	1,4	16,4
Porto Alegre	9,1	6,7	2,4	5,4	4,6	0,8	8,4	6,9	1,5	55,6
Salvador	15,9	9,1	6,7	14,9	9,5	5,4	17,0	11,1	5,9	14,1
São Paulo	11,6	7,7	3,9	9,6	7,5	2,1	12,2	9,7	2,5	27,1

Fonte: Convênio DIEESE – SEADE, MTE/FAT e Convênios Regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

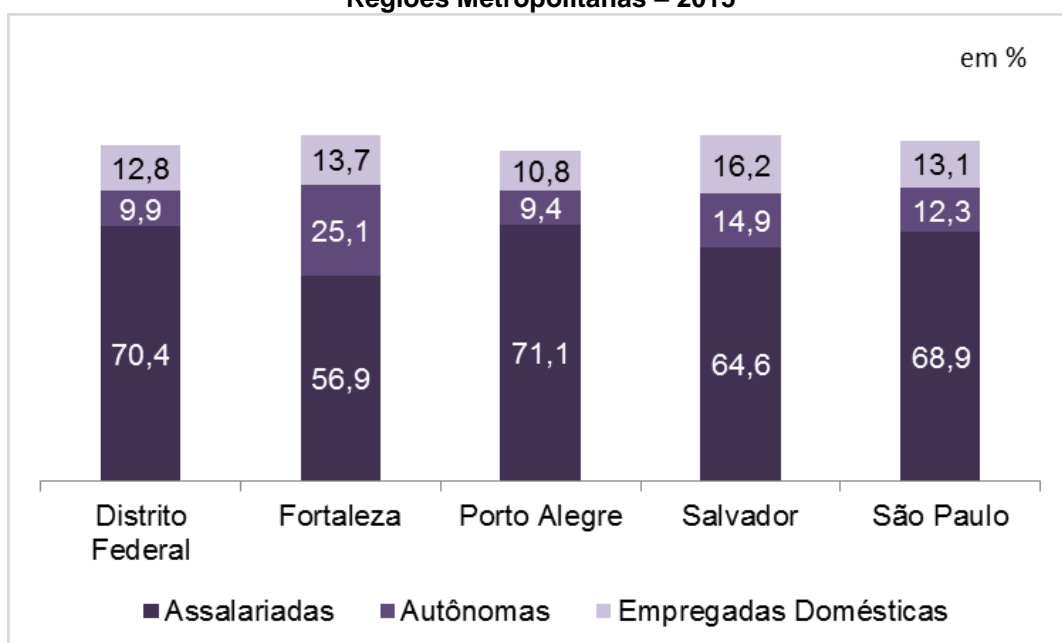
Cresce o emprego assalariado com carteira de trabalho assinada no setor privado para as mulheres

A participação da mulher na atividade econômica ampliou-se nos últimos anos num contexto de relativa melhora do mercado de trabalho. A recuperação do mercado de trabalho favoreceu a continuidade do aumento da participação feminina, bem como ajudou na consolidação de sua presença mais plena na atividade econômica, o que se manifesta na aproximação dos perfis das participações masculina e feminina nos mercados de trabalho. Ainda que o nível de ocupação tenha se reduzido em 2015, as mulheres ampliaram a sua participação no emprego assalariado, especialmente no que tange a formalização no setor privado.

Em 2015 a maior proporção de mulheres no assalariamento ocorreu em Porto Alegre (71,1%) e no Distrito Federal (70,4%). Na região Nordeste observou-se os menores níveis de assalariamento: Fortaleza (56,9%) e Salvador (64,6%). A proporção de mulheres autônomas foi mais elevada nas regiões do Nordeste variando de 14,9%, em Salvador, a 25,1%, em Fortaleza. A menor proporção de trabalhadoras autônomas foi observada em Porto Alegre (9,4%). O emprego doméstico, forma de inserção

tradicionalmente feminina, apareceu como segunda inserção de maior importância na estrutura ocupacional das mulheres em quase todas as regiões, a exceção ocorreu em Fortaleza. Constataram-se as maiores proporções de mulheres inseridas no emprego doméstico nas regiões do Nordeste – Salvador, 16,2%, e Fortaleza, 13,7%. A menor proporção foi observada em Porto Alegre (10,8%) (Gráfico 2).

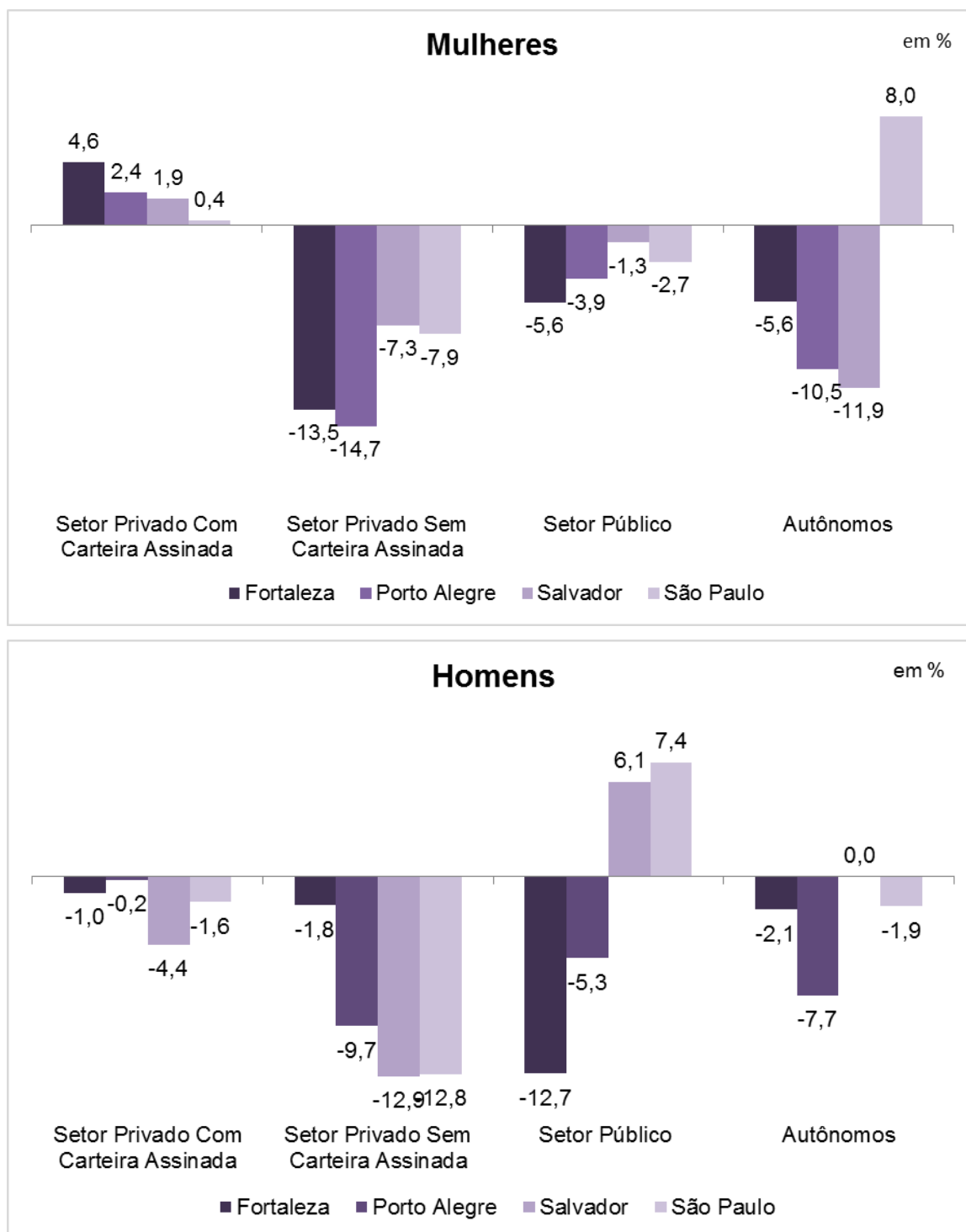
GRÁFICO 2
Distribuição das mulheres ocupadas segundo formas de inserção
Regiões Metropolitanas – 2015



Fonte: Convênio DIEESE – SEADE, MTE/FAT e Convênios Regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

Entre 2014 e 2015 os dados da PED mostraram que, independente da região analisada, o declínio no nível ocupacional atingiu mulheres e, com maior intensidade, os homens. Apesar disso, as mulheres ampliaram sua presença no emprego assalariado no setor privado com carteira de trabalho assinada, em todas as regiões com dados comparáveis: Fortaleza (4,6%), Porto Alegre (2,4%), Salvador (1,9%) e, em menor proporção, São Paulo (0,4%). Ao contrário do que ocorreu com os homens nessa posição, em que houve declínio nas quatro regiões. A ocupação no setor privado sem carteira assinada decresceu tanto para homens quanto para mulheres. O emprego assalariado no setor público declinou entre as mulheres, em todas as regiões. Já, para os homens, houve crescimento em Salvador e São Paulo. O trabalho autônomo diminuiu para as mulheres em praticamente todas as regiões, exceto em São Paulo. Para os homens houve redução do trabalho autônomo na maioria das regiões analisadas, com estabilidade em Salvador (Gráfico 3).

GRÁFICO 3
Variação anual da ocupação segundo formas de inserção e sexo
Regiões Metropolitanas – 2014–2015



Fonte: Convênio DIEESE – SEADE, MTE/FAT e Convênios Regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

Mesmo que o emprego assalariado tenha elevado a sua importância relativa na estrutura ocupacional das mulheres em 2015, permanece o quadro de menor participação feminina no emprego assalariado em relação aos homens, apenas em

Porto Alegre essa participação é mais equânime. O mesmo ocorreu com a inserção autônoma, na qual a participação feminina foi inferior à masculina, com exceção apenas de Fortaleza. Também o setor público apresentou menor participação relativa na estrutura ocupacional das mulheres em relação aos homens, com exceção do Distrito Federal (Tabela 2).

TABELA 2
Distribuição dos ocupados, segundo posição na ocupação
Regiões Metropolitanas – 2015

(%)

Sexo e Regiões	Posição na Ocupação										
	Total	Assalariados (1)					Autônomos	Empregados Domésticos			Demais (3)
		Total	Setor Privado		Setor Público (2)	Total		Mensalista	Diarista		
			Total	Com Carteira Assinada						Sem Carteira Assinada	
Mulheres											
Distrito Federal	100,0	70,4	49,3	42,8	6,5	21,1	9,9	12,8	8,8	4,0	6,9
Fortaleza	100,0	56,9	48,2	39,6	8,6	8,7	25,1	13,7	9,0	4,7	4,3
Porto Alegre	100,0	71,1	56,0	51,8	4,2	15,1	9,4	10,8	7,3	3,5	8,7
Salvador	100,0	64,6	53,4	46,3	7,1	11,3	14,9	16,2	13,4	2,9	4,3
São Paulo	100,0	68,9	58,3	51,7	6,6	10,6	12,3	13,1	7,9	5,2	5,7
Homens											
Distrito Federal	100,0	75,9	54,4	46,2	8,1	21,5	13,8	(4)	(4)	(4)	9,8
Fortaleza	100,0	68,9	62,0	50,6	11,4	6,9	25,3	(4)	(4)	(4)	4,9
Porto Alegre	100,0	71,9	62,3	56,4	5,9	9,6	16,3	(4)	(4)	(4)	11,5
Salvador	100,0	72,7	63,9	57,3	6,7	8,7	21,4	(4)	(4)	(4)	5,4
São Paulo	100,0	72,6	66,6	57,7	8,9	5,9	18,8	(4)	(4)	(4)	8,2

A jornada de trabalho (reflete o tempo) das mulheres (para o trabalho)

O exame da jornada de trabalho é fundamental para identificar o peso que as responsabilidades familiares têm para as mulheres. Isso fica explícito na maior presença das mulheres em atividades de tempo parcial, e na sua inserção em determinados tipos de postos de trabalho e setor de atividade. Para os homens, em média, as jornadas de trabalho são bem mais extensas do que para as mulheres, em todas as regiões pesquisadas.

Não há diferença significativa de uma região para outra com relação ao tempo dedicado ao trabalho pelas mulheres. Em Salvador e São Paulo foram observadas as menores jornadas de trabalho, 38 horas semanais. Em Fortaleza (40 horas semanais), seguida do Distrito Federal (39 horas) e de Porto Alegre (39 horas) (Tabela 3). Esse dado revela que os cuidados com a família e o lar, atribuições histórica e socialmente reservadas às mulheres, e que refletem na sua menor disponibilidade para exercer

jornada integral de trabalho. As limitações impostas pelas responsabilidades familiares limitam a inserção e dedicação das mulheres às atividades produtivas desenvolvidas no mercado de trabalho, interferindo nas possibilidades de investimento e crescimento profissional.

TABELA 3
Jornada média semanal dos ocupados, no trabalho principal, segundo sexo
Regiões Metropolitanas – 2015

(em horas)

Regiões Metropolitanas	Jornada Média Semanal		
	Total	Mulheres	Homens
Distrito Federal	40	39	41
Fortaleza	42	40	44
Porto Alegre	41	39	43
Salvador	41	38	42
São Paulo	41	38	43

Fonte: Convênio Dieese – Seade; MTE – FAT e convênios regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)
Obs.: Excluídos os ocupados que não trabalharam na semana

O trabalho em jornadas inferiores ao padrão estabelecido pela legislação trabalhista, certamente, permite às mulheres conciliarem a participação no mercado de trabalho e as responsabilidades familiares. Entretanto, trabalhar jornadas parciais implica em menores rendimentos.

As mulheres continuam auferindo rendimentos menores que os homens

A participação da mulher tem-se ampliado no mercado de trabalho junto ao aumento das oportunidades de emprego e às melhoras nas formas de inserção. Todavia, as diferenças de renda entre os sexos permanecem muito grandes, dado que elas continuam segregadas em ocupações de menor renda. Essa situação se mantém, ainda que, em anos anteriores a 2015, tenham ocorrido constantes ganhos de rendimentos para as mulheres, inclusive em proporções superiores às variações observadas entre os homens. Em 2015, o decréscimo no rendimento médio real das mulheres ocupadas foi menor que o dos homens.

As mulheres auferem menores remunerações em todas as posições ocupacionais, tanto no emprego formal como no trabalho autônomo.

Em 2015, apenas Salvador (+0,1%) manteve relativa estabilidade nos rendimentos médios reais auferidos pelas mulheres. Nas demais regiões, os rendimentos médios declinaram entre elas: São Paulo (-6,0%), Porto Alegre (-1,9%) e, em menor intensidade, Fortaleza (-0,5%). O rendimento médio masculino registrou reduções em todas as regiões em proporções superiores às das mulheres.

Desta forma, no ano em análise, a proporção do rendimento das mulheres ocupadas em relação aos homens aumentou em todas as regiões. Estas proporções variaram de 74,3%, em São Paulo, a 79,8%, em Porto Alegre. No emprego assalariado também diminuiu a distância entre os rendimentos de mulheres e homens. No trabalho autônomo, as distâncias entre os rendimentos de homens e mulheres reduziram no período, porém, essa posição permanece como a mais desigual (Tabela 4).

TABELA 4
Rendimento médio real dos ocupados, assalariados e autônomos
no trabalho principal segundo sexo
Regiões Metropolitanas – 2015

em reais de novembro de 2015

Regiões	Rendimento Médio Real						Proporção dos Rendimentos das Mulheres em relação aos Homens (em %)		
	Mulheres			Homens			Ocupados (1)	Assalariados (2)	Autônomos
	Ocupados (1)	Assalariados (2)	Autônomos	Ocupados (1)	Assalariados (2)	Autônomos			
Distrito Federal	2.467	2.762	1.430	3.295	3.229	2.129	74,9	85,5	67,2
Fortaleza	1.050	1.193	734	1.384	1.360	1.172	75,9	87,7	62,6
Porto Alegre	1.705	1.743	1.334	2.136	1.994	1.934	79,8	87,4	69,0
Salvador	1.175	1.336	801	1.495	1.490	1.238	78,6	89,7	64,7
São Paulo	1.667	1.786	1.125	2.245	2.168	1.875	74,3	82,4	60,0

Fonte: Convênio DIEESE – SEADE, MTE/FAT e Convênios Regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

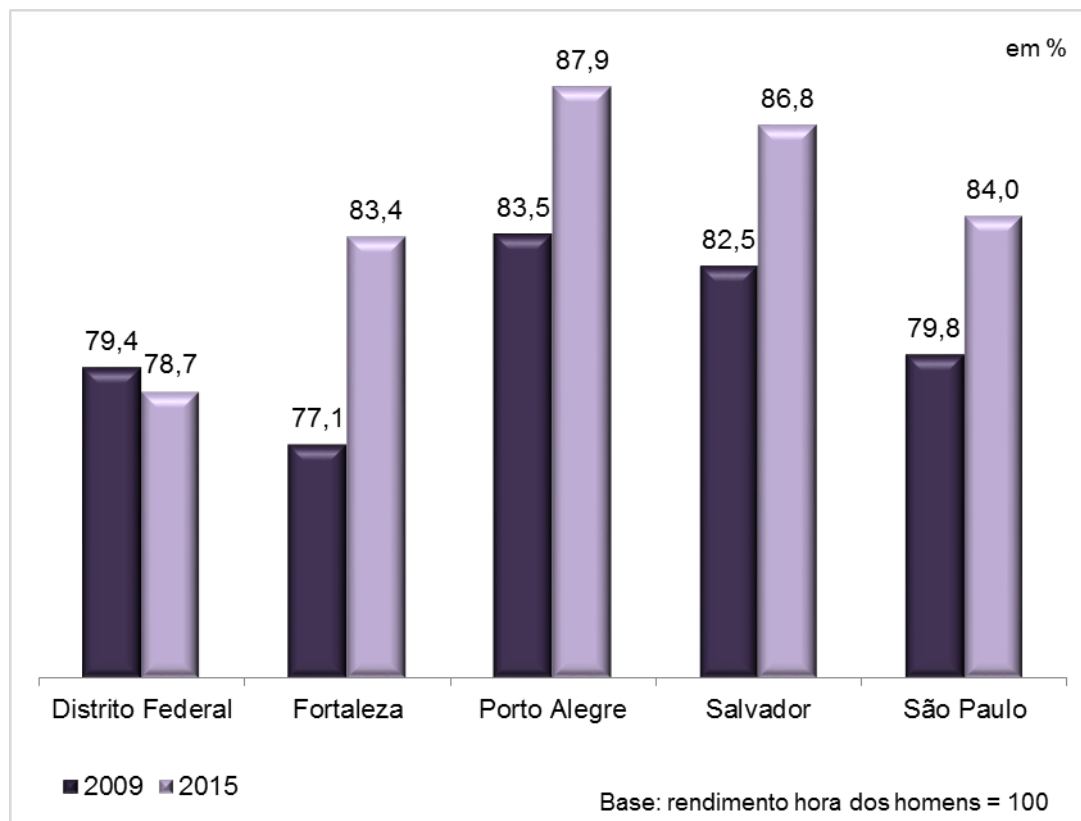
Nota: (1) Excluem os assalariados e os empregados domésticos assalariados que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os trabalhadores que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício

(2) Excluem os assalariados que não tiveram remuneração no mês

(3) Inflatores utilizados: INPC-RMF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP

Uma medida da desigualdade de rendimento mais apropriada para efeito de comparabilidade é o rendimento médio real por hora trabalhada, pois esse indicador permite eliminar as distorções ocasionadas pelas diferentes jornadas de trabalho de homens e mulheres. Em 2015, o rendimento médio real por hora feminino em relação ao masculino registrou a maior diferença no Distrito Federal, onde o valor médio auferido pelas mulheres alcançou somente 78,7% do rendimento masculino. A menor diferença foi observada em Porto Alegre, 87,9% (Gráfico 4). Cabe ressaltar que os maiores rendimentos médios reais por hora, dentre as regiões pesquisadas, tanto para homens quanto para mulheres, foram pagos no Distrito Federal e em São Paulo. Por outro lado, os menores rendimentos auferidos por ambos ocorreram em Fortaleza e Salvador.

GRÁFICO 4
Proporção dos rendimentos médios reais por hora (1) das mulheres ocupadas (2)
em relação aos rendimentos médios reais por hora dos homens
Regiões Metropolitanas – 2009 – 2015



Fonte: Convênio DIEESE, SEADE, MTE/FAT e instituições regionais. Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)

Nota: (1) Inflatores utilizados: INPC-RMF/IBGE; IPC-IEPE/RS; INPC-RMR/IBGE/PE; IPC-SEI/BA; ICV-DIEESE/SP. Valores em reais de novembro de 2015

(2) Excluídos os assalariados e os empregados domésticos mensalistas que não tiveram remuneração no mês, os trabalhadores familiares sem remuneração salarial e os empregados que receberam exclusivamente em espécie ou benefício. Excluídos os que não trabalharam na semana.